

como também este concretizou naquela uma visão “pragmática” de leitura, inspirada num certo marxismo, embora a ele não vergada tacticamente, onde se toma a cultura como objecto em si, mais do que como mero instrumento da luta política; finalmente, João Pedro George, procura relacionar aquilo que considera ser a perfeita delimitação, em meados da década de 1970, de um discurso de valorização incondicional da leitura por parte dos escritores, com um outro mais antigo, relativo à sua precária condição socioprofissional (e ainda com a recepção em Portugal da obra de autores que pertenceram, e de outros que George associa, à chamada Escola de Frankfurt). Uma derradeira nota ainda para assinalar os dois conjuntos de fotografias sobre leitura que acompanham o volume, o primeiro do acervo do Arquivo Fotográfico da C.M.L., o segundo da autoria de Paulo Catrica.

Frederico Ágoas

Departamento de Sociologia, FCSH-UNL

Florence Millerand, Serge Proulx e Julien Rueff (coord.), **Web social: mutation de la communication**, Quebeque, Presses de l’Université du Québec, 2010, 374 páginas.

Designações como *web social*, redes sociais *online*, *software social* ou *web 2.0* (bem como várias declinações desta última, como Política 2.0 ou Sociedade 2.0) encontram-se muito presentes tanto em políticas públicas, peças jornalísticas, quanto em trabalhos científicos que abordam os novos *media*. O enfoque dado é frequentemente sobre mudanças por eles protagonizadas, em particular no que se refere às transformações no campo da comunicação, na sua prática, nos seus profissionais, na sua conceptualização. A escolha do título da obra — *Web social: mutation de la communication* — indica uma opção que privilegia o estudo do aspecto relacional através de um olhar sociológico, ético e político sobre as práticas, dando menos atenção à dimensão técnica dos dispositivos (representada pela expressão *web 2.0*), dita dos engenheiros informáticos e gestores comerciais.

O livro reúne um vasto conjunto de contribuições (23) que visam, a partir da sua óptica distinta e domínio específico, cooperar para a resposta à questão “de que forma o surgimento desta constelação sociotécnica chamada *web social* participa de uma mutação na comunicação?”, como é descrito no parágrafo final da introdução. A interrogação tinha sido originalmente levan-

tada no colóquio “Web participatif: mutation de la communication?”, realizado a 6 e 7 de Maio de 2008, no Institut National de la Recherche Scientifique, no âmbito do congresso da Association Francophone pour le Savoir, na cidade do Quebec, Canadá. Este ponto de partida reflecte-se na constituição da própria obra, que conta com textos de investigadores que desenvolvem as suas pesquisas em universidades francesas e no Canadá francófono, oferecendo assim uma alternativa linguística a um tema tratado sobretudo na língua inglesa, ao nível das principais publicações e conferências internacionais.

Focando uma multiplicidade de temas e com diferentes abordagens, apesar de estar subjacente uma perspectiva crítica, a melhor descrição de *web social* talvez seja aquela que é dada pelos próprios organizadores: uma proposta de “uma cartografia interdisciplinar de trabalhos recentes”. É feita uma crítica ao chamado tecnofilismo, o qual é considerado com um certo afastamento. Um dos objectivos é apresentado precisamente como sendo “um exame crítico à amálgama fácil talvez sugerida entre princípios técnicos e questões sociais ligadas à utilização destas novas ferramentas.” De notar que o outro objectivo principal da obra consiste na utilização de novas pistas de problematização suscitadas pelas formas *online* para “interrogar as perspectivas teóricas e metodológicas próprias à sociologia dos usos”, uma das correntes de investigação na área da comunicação ligadas ao estudo da recepção.

A tarefa de compilação ficou a cargo de Florence Millerand, Serge Proulx e Julien Rueff, co-directores e membro (respectivamente) do LabCMO (Laboratoire de Communication Mediatisée par Ordinateur), que situam a sua pesquisa no campo do estudo dos usos das tecnologias da informação e da comunicação. Dedicando-se ao estudo da apropriação social destas tecnologias há mais de 25 anos, Proulx é um autor reconhecido na área dos estudos de comunicação. O seu livro com Philippe Breton, *A Explosão da Comunicação* (Bizâncio, 1997), esgotado nos últimos anos, constitui uma referência essencial nos cursos de comunicação. Entre os autores dos capítulos podemos encontrar um retrato semelhante ao dos organizadores — investigadores em diferentes pontos da sua carreira científica — uma vez que incluem textos de investigadores já com um longo caminho trilhado, e trabalhos realizados no âmbito de teses de pós-graduação, nos quais há uma predominância de estudos de caso. Por este motivo, somado ao pendor reflexivo e crítico dos ensaios que não analisam um tipo de plataforma específico, a maioria dos contributos é individual, e apenas um exemplo é assinado por mais de três autores.

Precedendo a divisão da obra em cinco partes, o primeiro capítulo cumpre uma função de enquadramento que aponta para a multiplicidade de

questionamentos que podem ser colocados sobre a *web* social, tomando-a como dispositivo socioeconómico no contexto do chamado capitalismo informacional, em termos de apropriação democrática, nas implicações para uma ética da produção colectiva e para uma política da cultura, e é redigido por dois dos organizadores (Serge Proulx e Florence Millerand). Na primeira parte há um duplo enfoque político, tanto do ponto de vista dos usos políticos, como da própria política dos dispositivos técnicos, numa distinção inspirada no trabalho de Langdon Winner, bem conhecida nos estudos da tecnologia. Sustenta-se uma ligação próxima entre o social e o tecnológico, na inscrição de aspectos sociais na tecnologia, partilhando pontos de vista como o do já referido Winner, e de Lessig (citado por outros motivos), mesmo pretendendo-se escapar ao determinismo tecnológico estrito.

A segunda parte concerne “a participação dos utilizadores na cultura”, focando não só actores institucionais e o recurso que fazem aos novos *media*, mas também formas de produção cultural descritas como próprias do novo ambiente tecnológico. Assim, são abordadas as opções de entidades como as instituições museológicas e igualmente o conjunto de “criações interactivas” que compõem o que é definido como *net art*, assim como práticas como o *podcasting*. Começando com uma introdução às dimensões económicas deste tema, termina com uma nota breve sobre a participação *online*.

A terceira parte recorre a exemplos específicos para debater questões mais amplas, e recentra a discussão na vertente relacional, partindo da construção da identidade individual até ao funcionamento de comunidades, discutindo-se temas como o reconhecimento e a natureza da participação dos utilizadores nesses colectivos.

Na quarta parte, descrevem-se as situações de uso, passando pelo meio empresarial, universitário, médico, dos *media* e da própria *internet*. A última parte é apresentada como conclusão crítica, focando questões que cada vez mais se tornam alvo de polémica, como a protecção da vida privada (basta-nos recordar a controvérsia em torno das predefinições de plataformas como o *Facebook* ou o *Buzz* (do *Google*), os discursos ideológicos que perpassam a *web* social e a sua relação com as indústrias culturais, o estatuto de “novidade” de certos modos de participação *online*, e a necessidade de moderar algum entusiasmo referente a estes novos meios.

A base analítica de cerca de metade destas pesquisas é empírica, observando diversos tipos de plataformas, através da utilização de metodologias predominantemente qualitativas, com destaque para abordagens de recorte etnográfico. São incluídas redes sociais como o já referido *Facebook*, jogos virtuais multi-jogadores, motores de gestão de blogues, plataformas de ensino, aplicações de *podcasting*, mensagens instantâneas (também designadas

pela sigla inglesa IM, sendo o *Windows Live Messenger* e o *Google Talk* dois dos serviços mais conhecidos), serviços de indexação, fóruns, sítios que recorrem a ferramentas interactivas, e o mais famoso de todos os sistemas colaborativos *wiki*, a Wikipédia. Esta última foi considerada um objecto de estudo relevante segundo três ângulos distintos, mas complementares: a tomada de decisão, as características da participação dos utilizadores neste contexto, e a descrição do processo de construção de conhecimento. Contudo, esta parte da cartografia mais narrada não deixa de ser sustentada em bases teóricas, partindo de autores como Goffman, Weber, Wittgenstein, Benjamin ou Marcel Mauss, apesar de a grande maioria da bibliografia ser relativa aos últimos dez anos de investigação, em particular no domínio dos estudos dos ambientes *online*. Há um esforço de conceptualização de uma proposta teórica sólida, diligência difícil dada a fluidez dos objectos de estudo, e que procura escapar a duas armadilhas frequentes nos estudos sobre novos *media*: por um lado a transposição irreflectida de conceitos para este domínio, por outra a criação de neologismos mais próximos da linguagem do *marketing* do que da ciência.

Seguindo o caminho de autores como Michel de Certeau e a sua análise das práticas quotidianas — que é, aliás, citado pela relevância do seu conceito de “*praticant bricoleur*” —, é afirmada a oposição a uma concepção das práticas realizadas por via das plataformas de *web social* como revolucionárias. Assim, defende-se uma evolução progressiva, reconhecendo continuidades, e colocando a origem de “comunidades *online*” nos primórdios da internet. É oportuno lembrar que esta expressão, de facto, já se encontra presente em artigos como “The computer as a communication device”, escrito por Licklider e Taylor em 1968. Tal não impede que os autores destaquem algo inteiramente novo nas práticas sociais *online* mais recentes, que passa pela noção de “uso contributivo”, conceito que procura criar uma unidade entre os diferentes trabalhos, e que assume um papel central na investigação em curso de muito dos investigadores.

Pela abrangência da análise, e pela sua vertente crítica e reflexiva, mesmo nos capítulos mais empíricos, esta obra apresenta-se como um contributo importante nos estudos sociais das práticas *online*, contrabalançando a tendência para trabalhos estritamente descritivos, a que por vezes se assiste neste campo de investigação. Trata-se, todavia, de um livro que não permite o conhecimento aprofundado sobre cada tema ou objecto empírico específico. Fornece, assim, mais pistas do que respostas consolidadas, o que se justifica também dada a juventude deste campo de trabalho.